

Security Dilemma in South Asia: Building Arsenals and Living with Distrust

Feroz Hassan Khan

Brigadier General (retired). Visiting Professor and Lecturer at the Department of National Security Affairs and Senior Researcher at the Center for Contemporary Conflict, Naval Postgraduate School, Monterey. Served with the Pakistani Army for 32 years, domestically and abroad. He has experienced combat action and command on active fronts on the line of control in Siachin Glacier and Kashmir and served along the Pakistan–Afghanistan Border. Held the post of Director, Arms Control and Disarmament Affairs, within the Strategic Plans Division, Joint Services Headquarters.

Abstract

India and Pakistan are engaged in a subtle strategic competition and a gradual arms race where technological innovations, military modernizations, and growing nuclear arsenals are raising the stakes for stability. India's military investment is driven by a strategic rivalry with China, but the pace of development finds Pakistan increasingly vulnerable to exploitation; to reduce the level of disparity, Pakistan turns to China, and though willing and able to bolster Pakistan's strategic capability, the assistance is not enough to enable Pakistan to meet multiple conventional force contingencies. Islamabad therefore depends even more on nuclear weapons to offset its force imbalance with India. In this classic security dilemma, where competition is intensifying and mutual distrust is swelling, the potential for an outbreak of military crisis in South Asia is increasing. The situation demands a structured peace and security architecture to initiate détente and ensure stability between the two nuclear-armed neighbors. Without such an agreement, the consequences of an unchecked India-Pakistan security competition could reverberate beyond South Asia into the Asia-Pacific and Middle East regions.

Resumo

O Dilema de Segurança no Sul da Ásia: Reforçando Arsenais e Vivendo com a Desconfiança

A Índia e o Paquistão estão envolvidos numa subtil competição estratégica e numa gradual corrida de armamentos onde inovações tecnológicas, modernizações militares e crescentes arsenais nucleares aumentam os riscos para a estabilidade. O investimento militar indiano é alimentado pela rivalidade estratégica com a China mas o ritmo de desenvolvimento torna o Paquistão crescentemente vulnerável; para reduzir o nível de disparidade, o Paquistão vira-se para a China – apesar desta estar disponível e ser capaz de aumentar a capacidade estratégica paquistanesa – esta assistência não é suficiente para permitir ao Paquistão lidar com as diversas contingências das forças convencionais. Desta forma, Islamabad depende cada vez mais das armas nucleares para contrabalançar os desequilíbrios de forças com a Índia. Neste dilema de segurança clássico, onde a competição se intensifica e desconfiança mútua aumenta, o potencial para a emergência de uma crise militar no Sul da Ásia aumenta. A situação pede uma paz estrutural e uma arquitetura de segurança para iniciar uma *détente* e garantir uma estabilidade entre dois vizinhos com armas nucleares. Na ausência de tal acordo, as consequências de uma competição securitária Índia-Paquistão sem restrições podem ir além do Sul da Ásia e afetar as regiões do Médio Oriente e Ásia-Pacífico.